

Viagem feminina como expressão e a construção de imaginários turísticos: da antiguidade à era da conexão

Flávia Lopes Sales Nascimento (U. Aveiro)*
ORCID 0000-0003-2667-4364

Resumo: Este artigo visa apresentar a viagem feminina como uma forma de expressão e resistência simbólica perante às estruturas patriarcais cristalizadas no imaginário social. Por meio de um levantamento bibliográfico, mostramos que existiram grandes mitos femininos relativos à viagem e damos também conhecimento a nomes de mulheres que marcaram a história da viagem feminina com seus relatos, desembocando para uma reflexão mais contemporânea, da era digital. O tema transita pelas áreas dos estudos em Comunicação, Informação, Turismo, Feminismo e Estudos do Imaginário e mostra-se relevante visto que a igualdade de gênero se apresenta como um dos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU. O artigo foi construído a partir de um capítulo da tese de doutoramento que se encontra em andamento intitulada “O Imaginário português nas narrativas digitais de mulheres que viajam sozinhas e o impacto em outras viajantes: um estudo comparativo”, a ser desenvolvida na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Palavras-chave: Viagem feminina; Imaginário; Feminismo; Digital Influencer; Blog de viagem

Abstract: This article aims to present the female journey as a form of expression and symbolic resistance in the face of patriarchal structures in the social imaginary. Through a bibliographic survey, we show that there were great feminine myths related to the journey and we also make known to the names of women who marked the history of the female journey with their reports, leading to a more contemporary reflection within the digital age. The theme goes through the areas of studies in Communication, Information, Tourism, Feminism and Imaginary Studies, and is relevant since gender equality is presented as one of the 17 sustainable development objectives of the UN. The article was built from a chapter of the doctoral thesis that is underway entitled “The Portuguese Imaginary in the digital narratives of women who travel alone and the impact on other travelers: a comparative study”, to be developed at the Faculty of Letters from the University of Porto.

Keywords: Female Journey; Imaginary; Feminism; Digital influencer; Travelling blog

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar el viaje femenino como forma de expresión y resistencia simbólica a las estructuras patriarcales cristalizadas en el imaginario social. Mediante un relevamiento bibliográfico, mostramos que hay grandes mitos femeninos relacionados con los viajes y también revelamos los nombres de las mujeres que marcaron la historia de los viajes, dando lugar a una reflexión más contemporánea sobre la era digital. La temática transita por los campos de estudios en Comunicación, Información, Turismo, Feminismo y Estudios del Imaginario y es relevante ya que la igualdad de género se presenta como una de las 17 metas de desarrollo sostenible de la ONU. El artículo se basa en un capítulo de la tesis doctoral titulado “El imaginario portugués en las narrativas digitales de mujeres que viajan solas y el impacto en otros viajeros: un estudio comparativo”, que se desarrollará en la Facultad de Artes de la Universidad de Oporto.

Palabras-clave: Viaje de la mujer; Imaginario; Feminismo; Influenciador digital; Blog de viajes

Recebido em: 31 mar. 2021 | Aprovado em: 29 abril 2021

* Doutoranda em Ciências da Informação e Comunicação em Plataformas Digitais pela Universidade de Aveiro/Portugal. E-mail: flavia.lopes.sn@gmail.com.

Introdução

Se buscarmos a origem etimológica da palavra viagem, do inglês *travel*, derivada do francês *travail*, “que por sua vez tem origem no termo latino *tripalium*, e designa um instrumento de tortura” (SERRANO, 2017, p. 16), veremos que a semântica da viagem está ligada a uma irrupção, um rompimento, um deslocamento de um lugar de conforto, para um desconforto desconhecido e imprevisível. Seja nos processos de compreensão da viagem antiga, nas atividades de deslocamentos dos nômades, das peregrinações a terras santas, ou mesmo aos domínios de impérios em buscas de territórios, as viagens eram, e são ainda, partidas em busca do desconhecido.

No entanto, essas aventuras em busca de iluminação divina, extensão de terras ou mesmo de conhecimento tinham como protagonistas as figuras masculinas, um arquétipo esquematizado principalmente pela imagem de Ulisses, o grande herói da Odisseia.

Esse arquétipo do homem que parte, que se aventura, o virtuoso herói em trânsito, durante muito tempo da história ofuscou a imagem da mulher que também viaja. Enquanto Ulisses ficou conhecido no imaginário universal pelo viajante inveterado, as mulheres ficaram relegadas às imagens estagnadas, paradas e estáticas, seja no lugar da espera, do retorno do homem que parte- como no caso de Penélope, a esposa de Ulisses que o aguardou por 20 anos após sua Odisseia- seja nos arquétipos dos perigos dos pontos de chegada, sob um imaginário feminino nefasto, representado por Cila, o monstro feminino marinho, um obstáculo à viagem do virtuoso herói viajante, ou Calipso, a ninfa que segurou o herói para não mais partir. Esse feminino das trevas é assim reconhecido por Gilbert Durand (2012), que refletiu: “toda Odisséia é uma epopeia da vitória sobre os perigos das ondas e da feminilidade” (2012, p. 105).

Mas, será que se Penélope tivesse partido em busca de Ulisses, seria ela protagonista de outra Odisseia? Seria ainda considerada fiel esposa, leal e paciente, virtuosa e forte? Se Penélope tivesse partido ao mar em busca dos seus objetivos talvez fosse a sua imagem que protagonizaria os mitos de mulheres que viajam e não que ficam, ficando e reconstruindo desde a antiguidade a imagem da mulher que pertence não só ao lugar de espera, mas de partidas e chegadas. Como não coube à Penélope essa façanha, sobraram a outras mulheres o peso da representatividade da mulher que viaja.

Saindo da mitologia para a realidade, mas numa linha temporal mais adiante, nos próximos séculos, a imagem da mulher que viaja não mudaria muito. Da sua quase invisibilidade na Antiguidade e Idade Média, passando a anjo do lar após a Revolução Francesa, na Modernidade, são poucos conhecidos os ídolos femininos que se lançaram às aventuras das viagens. Aventura nessas épocas, aliás, eram tidas como comportamentos subversivos, enquanto que para os homens era virtude (GARCÍA, 2012, p. 301 e 302).

Apesar de subvertido o sentido de aventura para as mulheres, aventuras femininas existiram, e não no sentido amoroso. Os mares, por exemplo, não foram territórios desbravados apenas por homens. Em *Rainhas piratas e outras senhoras do mar*, Garcia (2012) resgata a memória de figuras femininas que desbravaram os oceanos, protagonistas de histórias e contos populares, como por exemplo, Adrina, “o terror do norte do Egeu”.

As mulheres desbravadoras também encontram ressonância em imagens mitológicas adormecidas, mas presentes em grandes narrativas da humanidade, como *Eneida*, de Virgílio, por exemplo (GARCIA, 2012), epopeia que retrata também a história de Elisa, fundadora de Cartago, a Cidade- Estado que enfrentou Roma pelo domínio das terras que circundavam o mediterrâneo (Idem, p.305). Essa figura feminina também era conhecida como Tanit, adorada pelos cartagineses como deusa mãe ou Dido, nome adotado após partir da cidade de Chipre e fundação de Cartago. No entanto, sua imagem na história é

muito mais estigmatizada pelo seu suicídio diante da partida e perda de Eneias, do que suas façanhas e glórias pela fundação de uma cidade bem sucedida.

Para além dos arquétipos das piratas e senhoras navegantes, a mitologia ocidental aponta também outras referências femininas importantes, como as amazonas, mulheres guerreiras que desbravavam territórios em busca de uma conquista de guerra e que ainda hoje habitam o imaginário popular quando falamos de mulheres, aventuras e desbravamentos. No entanto, muito mais do que mitos e lendas, há ainda personagens que marcaram a história da humanidade, deixando marcas na memória mundial, e colaborando para o mapeamento do mundo, provando que o substantivo viagem é palavra feminina.

Pioneirismo e estigma

Há relatos de viagens realizadas por mulheres desde a antiguidade, passando por figuras que realizaram aventuras de viagens também na modernidade e pós-modernidade, motivadas por diversas situações como as peregrinações religiosas, os *grand tour*¹ burgueses, ou viagens por buscas ao conhecimento. Dessa maneira percebemos que a prática social da viagem feminina não é nova.

O protagonismo de primeira mulher viajante que documentou sua jornada foi atribuído à abadessa Egeria (ou Etheria), uma cidadã romana que trilhou uma jornada a Jerusalém por volta de 383 D.C (BIRKETT, 1991 apud WILSON e HARRIS, 2006), no século IV, partindo da região a qual hoje conhecemos como Galícia (SERRANO, 2017).

Por ser pioneira no registo de sua viagem, Egeria merece destaque especial, pois com sua obra *Viagem do Ocidente à Terra Santa, no século IV (Itinerarium ad Loca Sancta)*- “o primeiro relato de viagem escrito por uma mulher e o segundo do gênero” (SERRANO, 2017, p.96 e 97) - colaborou não só para os estudos sobre a língua Latim, a qual pode ser lida em sua versão mais informal, quanto também para a compreensão de liturgia cristã praticada em Jerusalém, “comparando-a com a do Ocidente hispânico, numa altura em que se começa a estabelecer definitivamente o conjunto de memórias e datas religiosas do cristianismo, como Domingo de Glória ou o Natal” (SERRANO, 2017, p. 99).

O livro deixado por Egéria tem duas etapas, na primeira a viajante descreve todo o percurso da viagem e na segunda retrata com detalhes a liturgia praticada em Jerusalém (SERRANO, 2017). A viagem de Egéria foi longa e levou três anos para ser concluída, passando por diversos territórios, em um tempo inóspito. Por isso que o trajeto foi acompanhado por uma comitiva de homens do clero e, em alguns trechos, por oficiais do Império (SERRANO, 2017).

Mais tarde, na Idade Média e Modernidade (quando ocorreram as grandes explorações pelo mundo com viagens que se destacaram principalmente no período colonial, com as grandes navegações), a prática social de viajar era tida como direito único e exclusivo dos homens, protagonismo que ofuscou mulheres viajantes, que, no entanto, não deixaram de existir.

De acordo com Garcia (2018), essa “divisão sexual da mobilidade” (p. 3062) relegou ao desconhecimento inúmeras mulheres desbravadoras, “como o fizeram, entre outras, Egeria, Margery Kempe, Maria Sybilla Merian, Flora Tristan, Nísia Floresta, Leolinda Daltro, Olive Schreiner, Alexandra David-Néel, Isak Dinensen e Freya Stark” (idem), mulheres as quais também deixaram na história escritos sobre suas viagens.

Nas sombras da Idade Média, no entanto, algumas mulheres conseguiram deixar seus nomes na história, como Alwilda, a pirata. A princesa nórdica, do século V, filha do

¹ Tipo de viagem conhecido como um rito de passagem para o amadurecido para os jovens burgueses.

escandinavo rei Gótico Synardus, vestiu trajes masculinos e tornou-se uma pirata para fugir do casório com o príncipe Alf, da Dinamarca. Ela fez história ao comandar um navio e uma tripulação com homens e mulheres. “Alvilda saqueou tantos barcos no mar Báltico que o rei enviou muitas frotas até conseguir prendê-la” (GARCIA, 2012, p.306). Sua saga como pirata, no entanto, acabou quando decidiu ceder ao casamento após um embate com o exército do príncipe prometido. Quando viu a coragem de Alf em combater seu próprio exército pirata, revelou sua identidade e decidiu casar com ele.

Outro exemplo foi Leonor de Aquitânia (1122-1204), rainha consorte de França e depois de Inglaterra, que, casada com Luís VII de França, “fez questão de integrar a segunda cruzada (1147-49) o que não era usual. Fê-lo, aparentemente contra a vontade do marido, reclamando o seu direito na qualidade de duquesa de Aquitânia e uma das maiores feudatárias de França.” (SERRANO, 2017, p.102).

Ainda na Idade Média, a princesa Ingrid da Suécia encontra-se nos registros de mulheres viajantes por sua peregrinação realizada em 1270, a pé, a Santiago, Jerusalém e Roma. “Regressou também a pé e mandou construir um convento de dominicanas como símbolo de sua devoção” (SERRANO, 2017, p. 102).

Mais adiante na linha temporal da história Ocidental, na Modernidade, algumas mulheres deixaram suas marcas. Destacaram-se entre elas Mencia de Calderón (1514-?), “mulher relativamente desconhecida e que protagonizou um dos episódios de viagem mais perigosos e aventureiros do século XVI.” (SERRANO, 2017, p.102). A espanhola, nascida em Medellín, partiu para América para assumir o posto do marido morto, pouco tempo depois de ter se tornado governador do Rio da Prata e do Paraguai por Carlos I. Depois disso, coube à Mencia a incumbência de “levar súbditos da corte para consolidar as propriedades reais na costa atlântica” (SERRANO, 2017, p. 103).

A viajante parte com a tripulação em 10 de Abril de 1550, e só chega ao destino final mais de um ano depois, em Agosto de 1551, depois de ter vivido uma jornada cansativa, com diversas dificuldades incluindo roubos, naufrágios e prisões. Pouco se sabe do resto da vida de Mencia, tendo tido uma última notícia sua em 1564 e por isso mesmo não se sabe a sua data de morte (SERRANO, 2017).

Outra personagem icônica nas histórias de mulheres que viajaram está Catalina de Erauso (1585?- 1652). Famosa por suas peripécias e biografia romanceada, ela mesma deixou os relatos de suas aventuras no livro *História da Freira Alferes Escrita por Ela Mesma* (SERRANO, 2017). Em sua obra conta que fugiu do convento, travestiu-se de homem, assumiu o nome de Francisco de Loyola, e a partir daí se envolve em diversas desventuras, em que se listam batalhas, prisões, fugas e tantas outras. Sua história escreve-se entre partidas e chegadas a muitos lugares, sempre fugindo de quem conhece sua verdadeira identidade, e um dos destinos é a América. Da Espanha parte para Sevilha, de lá para o Panamá, depois para o Peru, Chile e tantos outros destinos difíceis de listar em poucas linhas.

Para viver todas essas aventuras, foi necessário que Catalina assumisse a personalidade masculina de Francisco e sua aparência masculina pouco deixava pistas de seu verdadeiro sexo. Ela conseguiu o direito legal de trajar-se como homem, “porque de alguma maneira era encarada como uma espécie de eunuco, se vista como um homem, ou como uma mítica guerrilheira amazona, se olhada como mulher” (SERRANO, 2017, p.116).

Antes da Revolução Francesa, há ainda a necessidade de lembrarmos nomes de outras personagens que ajudaram a construir o conhecimento ocidental com suas viagens, notadamente o Oriente Médio, como o caso de Lady Mary Wortley Montagu (1689-1762), que com suas cartas ajudou a remodelar a concepção da imagem que o Ocidente tinha do

Médio Oriente, principalmente pela sua participação no mundo feminino oriental (SERRANO, 2017).

No século XVIII, com as normas sociais já seguindo as práticas hegemônicas burguesas, após a revolução francesa, à mulher ainda ficou reservada ao espaço interno do lar e da esfera privada familiar. No entanto, essas estruturas sociais e patriarcais encontraram resistências principalmente pela arte, no século seguinte, quando escritoras buscaram sua independência através do direito de livre trânsito pelos diversos espaços do mundo. “No século XIX, esse ideal atinge seu ápice, cristalizando-se na figura do Anjo do Lar, cujo assassinato seria defendido por Virginia Woolf (1980) como fundamental à plena liberdade intelectual e artística das mulheres” (GARCIA, 2018, p. 3059).

Mesmo com a sociedade invocando o estereótipo do Anjo do Lar, algumas personagens desafiaram o estigma e viajaram rumo aos seus destinos. Lady Hester Lucy Stanhope (1776-1839), por exemplo, famosa por suas viagens exploratórias no Oriente Médio e que um dia ficou famosa como rainha de Palmira, por ter sido a primeira mulher estrangeira a entrar na cidade (SERRANO, 2017). Em breves linhas, a aristocrata britânica, ficou conhecida por suas descobertas arqueológicas e escavações. Sua história de vida foi posteriormente narrada pelo médico Charles Lewis Meryon, quem acompanhou Lady Hester em suas aventuras, em três volumes, publicados em 1845, com título *Memoirs of Lady Hester Stanhope*.

Jane Diulafoy (1851- 1916) também foi uma personagem que marcou os anais da história das mulheres que viajaram, uma mulher que obteve o direito de trajar roupas masculinas (o que em sua época não era nada convencional) e que ficou conhecida por suas peregrinações arqueológicas, ao lado do marido, pela Pérsia e Mesopotâmia. O casal foi um dos primeiros franceses a “realizar uma expedição científica organizada” (SERRANO, 2017, p. 160) e suas descobertas ainda hoje ajudam a entender a história de grandes cidades do oriente.

À britânica Gertrude Bel (1868-1926) também se deve muito. Conhecida como “rainha do deserto”; “conselheira de reis”; “filha do deserto”, teve grande atuação política e diplomática em suas viagens. “Hoje, ela é fundamentalmente recordada pelo papel que desempenhou na criação do estado iraquiano moderno e, desde 2003, altura em que se dá a invasão americana do Iraque, redobra-se o interesse público pela sua vida e obra” (SERRANO, 2017, p.167). Suas viagens também ajudaram a traçar caminhos, literalmente, para os próximos viajantes, já que se dedicou à cartografia em algumas regiões do Oriente Médio.

Freya Stark (1893- 1993) também colaborou vastamente para o conhecimento do Oriente Médio, já que viajava tanto quanto escrevia, e deixou cerca de 30 livros publicados sobre suas passagens, “incluindo relatos de viagens, dissertações filosóficas, ensaios e quatro volumes autobiográficos” (SERRANO, 2017, p.185).

A lista de mulheres viajantes que deixaram marcas na história, mesmo que quase desconhecidas, é grande e praticamente interminável. Há de se fazer lembrar, pelo menos em breves linhas de: Mary Kingsley (1862-1900) londrina ícone da literatura feminina de viagens, notadamente com suas aventuras pela África; Karen Blixen (1885-1962) também conhecida por ter viajado por terras africanas; a francesa Jeanne Baret (1740-1807) famosa por viagens de circum-navegação em volta do planeta; Ida Laura Pfeiffer (1797- 1858) que também por duas vezes deu a volta ao mundo e ainda de Isabella Bird (1831-1904) a primeira mulher a entrar na Royal Geographical Society em 1892. Existem também as que ficaram na memória muito mais pelos seus escritos, marcando história com suas viagens intimistas e reflexões como Isabelle Eberhardt (1877-1904), assim como Annemarie Schwarzenbach (1908-1942) (SERRANO, 2017).

Uma ressalva é importante nessa breve visita à história das mulheres viajantes: é preciso considerar as anônimas que também deixaram marcas, mas estas invisíveis, e também considerar outras regiões, não orientais e não europeias. Mulheres que partem existiram em diversas sociedades, e esta visita reconhece a impossibilidade do aprofundamento dessa prática social em outras culturas, como a oriental, por exemplo, ou mesmo a viagens praticadas por povos primitivos, negros, índios, entre tantos outros.

No entanto, com os poucos exemplos acima é possível notar a importância, mesmo que quase invisível ao longo dos tempos, da colaboração feminina para a construção de imaginários com as suas viagens: seja o imaginário cristão, com as memórias da liturgia de Jerusalém por Egéria; os escritos de Catalina e suas transfigurações transgêneras entre Europa e América do Sul e as contribuições de Lady Mary para a reconfiguração do imaginário do Oriente Médio com suas vivências registradas no gênero epistolar. Outras tiveram atuações além da construção simbólica de lugares, ajudando a mapear regiões ainda não visitadas, a descobrir mistérios e enfrentar normas sociais de suas épocas como montar a cavalo de pernas abertas e vestir roupas de homens.

Essas mulheres, e tantas outras, colaboraram para a construção imagética de várias regiões do mundo com suas viagens, e ainda hoje, mesmo com os horizontes já desbravados, ainda encontramos mulheres exploradoras de lugares, desvendando um véu não cartográfico, mas imaginário e cultural, registrando suas vivências em novos formatos. São mulheres que espalham suas visões do mundo, reconfigurando-se a uma nova era: a digital.

Mulheres que viajam sozinhas e a potencialidade de suas narrativas

As mulheres passaram a usufruir da liberdade de locomoção em viagens, notadamente muito mais após adquirir direito de trabalho e de voto. Hoje, na contemporaneidade, é assunto de relevância e presente em diversos debates internacionais, visto que a igualdade de gênero está presente como um dos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU, 2015).

Como exemplo, a pesquisa recente intitulada *The impact of tourism and finance on women empowerment*, Nassani et al (2019) abordou o papel do desenvolvimento internacional do turismo no empoderamento das mulheres. Através da mediação de vários fatores financeiros em um painel de 24 países europeus selecionados, durante um período de 1990 a 2015, a pesquisa mostrou como os intermediários financeiros atuam como catalisadores para empoderar as mulheres por meio do turismo internacional.

No segmento dessa temática, diversos estudos vêm sendo desenvolvidos ao longo dos últimos anos, sob perspectivas variadas, partindo desde o conceito de turismo de gênero, à reflexos econômicos, análises discursivas literárias entre outros, como pode ser conferido a seguir.

Carvalho e Costa (2015) realizaram um apanhado bibliográfico de trabalhos científicos que abordam as questões de gênero e turismo. O trabalho entende o desenvolvimento humano por intermédio da atividade turística como fenômeno social, capaz de transformar realidades individuais e coletivas. Com foco em aspectos da subjetividade da mulher que viaja sozinha, a pesquisa bibliográfica procura dar visibilidade ao tema e visualizar possíveis cenários. O trabalho aponta lacunas nas investigações científicas sobre o tema, indicando inclusive a necessidade de pesquisas pós-viagem para avaliação da experiência turística.

Nesse sentido, a experiência turística sob a perspectiva feminina tornou-se uma abordagem interessante para investigadores de áreas diversas. No segmento turístico,

Pereira e Silva (2018) explicam que o enfoque *woman solo traveller* tornou-se relevante para o setor e por isso os autores trabalharam para caracterizar as motivações para viagens femininas solo. Através do estudo, as autores apontam a importância de conhecer as motivações para mulheres que viajam sozinhas e estabelecem alguns tipos de motivações baseadas em estudos sobre experiência turística, que pode ser definida como um “conjunto de atividades nas quais os indivíduos se envolvem em termos pessoais” (p.12), ou seja, algo que permita que cada turista construa suas próprias experiências de viagem de modo a satisfazer uma ampla gama de necessidades pessoais, do prazer à busca de significado.

Ainda sob experiência turística, Wilson e Harris (2006) procuram conceituar o sentido de viagem significativa através da análise de discursos de mulheres que viajaram em contextos de trabalho e lazer. A análise das histórias das mulheres revelou que a 'viagem significativa' estava centrada em três temas: uma busca por si e identidade; auto-capacitação; e conexão com os outros. Para os autores, essas viagens significativas envolvem mulheres em busca de um maior conhecimento sobre si, procurando reconsiderar suas perspectivas de vida, sociedade e seus relacionamentos com os outros. Além disso, os resultados também demonstram como as mulheres são capazes de transferir o significado e os benefícios de suas experiências de viagem ao voltar para casa, dentro de suas vidas e contextos cotidianos.

Algumas pesquisas e investigações vem sendo desenvolvidas ao redor do mundo com o objetivo de desconstruir estereótipos e conceitos cristalizados também no turismo. Nesse sentido, dentre diversos autores, destacamos as discussões propostas por Pritchard e Morgan (2000) que defendem uma visão feminista em pesquisas sobre geografias turísticas e na percepção de destinos turísticos. Segundo as autoras, poucos trabalhos em questões culturais e feministas e sobre geografia foram incorporados à pesquisa em turismo, e por isso no artigo *Constructing tourism landscapes – gender, sexuality and space* procuram uma articulação das relações de gênero na construção, produção e consumo de sites e imagens de turismo. O artigo sustenta que a formação das paisagens turísticas de gênero e as inter-relação entre a linguagem da (hetero) sexualidade e a linguagem da promoção do turismo reflete um olhar branco, masculino e heterossexual privilegiado. Conclui sugerindo uma agenda para futuras pesquisas em geografias turísticas feministas.

Por conta dessa importância de virada paradigmática, as narrativas femininas sobre turismo veem sendo temas de algumas investigações, pois não basta apenas retratar a problemática da *woman solo travel* apenas sob perspectivas distanciadas, para se aprofundar é preciso mergulhar em representações e discursos através de uma compreensão mais profunda do fenômeno com narrativas das próprias mulheres.

Cantrell, K. (2019), por exemplo, faz uma análise de blogs de mulheres que se consideram andarilhas. De acordo com a autora, quando blogueiras do sexo feminino se apresentam como andarilhas se manifestam de forma discursiva como mulheres que resistem a padrões sociais. Essa representação da perambulação feminina como prática positiva e produtiva é interessante porque compreende representações literárias da perambulação feminina como um ato voluntário e transgressivo e não como uma maldição ou punição imposta por um ser mais poderoso ou autoritário.

Já McClinchey (2017) revela experiências mundanas, mas significativas, das viagens das mulheres a Paris e como essa viagem se conecta às identidades feministas (pós) feministas e suas geografias emocionais de lugar. A pesquisadora analisou narrativas de viagens femininas de Paris através de textos de livros de viagens publicados.

Atualmente, com o entendimento da potencialidade dos conteúdos gerados por usuários na internet, possibilitados pelos avanços tecnológicos permitidos pela Web 2.0, a produção de livre conteúdo dá suporte a diversas mulheres se conectarem por meios

diversos permitidos pela internet.

Um estudo interessante que aborda essa temática é o de Jordan (2016), pesquisadora que se debruçou na investigação de mulheres viajantes desde os anos 90. Em seu artigo intitulado *Tourism and technology: revisiting the experiences of women travelling alone*, ela aborda como a tecnologia afeta e influencia as experiências de mulheres que viajam sozinhas. O artigo analisa o mercado de viagens individuais femininas desde os anos 90 e as maneiras pelas quais a tecnologia está ajudando a moldar seu crescimento, considerando a influência dos meios tecnológicos nas experiências de viagem, com especial atenção ao seu impacto no desempenho dos turistas e na vigilância e segurança no turismo. E como era de se esperar, as redes sociais e os blogs encontram-se dentre essas formas tecnológicas presentes nas experiências turísticas femininas.

Na contramão dessa perspectiva, um estudo interessante sobre a interferência tecnológica em viagens femininas, é o artigo *Backpacking in the Internet Age: Contextualizing the Use of Lonely Planet Guidebooks*. Nele, o autor Benjamin Lucca Iaquinto (2012) explora a influência dos guias de viagens Lonely Planet (LP) para mochileiros, revelando que a melhor fonte de informação para viagens ainda é o “boca a boca”, a interação interpessoal, em comparação com esses guias e outras fontes.

No entanto, a internet é sempre local de buscas e pesquisas sobre destinos turísticos, sendo os blogs e as redes sociais importantes fontes de informação o que os caracterizam como suportes empíricos para a análise de mulheres que viajam sozinhas.

A exemplo disso citamos o trabalho de Yang e Hitchcock (2017), que discute as questões de gênero sob o ponto de vista de viajantes originárias da China em viagens para Macau. A análise deriva de uma leitura cuidadosa e de uma descrição detalhada de blogs publicados por turistas do sexo feminino, através de uma etnografia realizada no ambiente digital.

Já no ocidente, Tosoni e Turrini (2018), por exemplo, abordam a temática de mulheres viajantes na Itália com base em resultados preliminares de um estudo de caso de viagens individuais femininas, tratando da relação da temática e seus aspectos midiáticos. Em seu texto as autoras pretendem contribuir para a tentativa de descentralizar os estudos de mídia defendidos por autores como David Morley, Shaun Moores ou Nick Couldry e propõem novas abordagens metodológicas. Ainda na discussão, elas revelam como viajar sozinha na Itália contrasta com as tendências contínuas de transformação relacionadas à disseminação da mediação do turismo. O estudo foi realizado através de leituras de grupos do Facebook e blogs relativos ao tema de mulheres que viajam sozinhas.

Em outro estudo, Winet, K. K. (2015) une os campos interdisciplinares de retórica e composição e estudos de turismo para examinar histórias de viagens digitais compostas por mulheres ocidentais. A investigadora parte de uma perspectiva feminista, de abordagem pós-moderna, para analisar três topos retóricos dos quais muitos viajantes compõem suas histórias – comida, corpos e paisagens – a partir de discursos femininos em mídia digital.

Por uma perspectiva feminista

Sob uma perspectiva ampla e não determinista, não seria errado reivindicar os nomes de grandes personagens viajantes - que apresentamos anteriormente- como símbolos feministas, já que elas traçaram seus próprios caminhos e exerceram a liberdade de locomoção de seus corpos, muito antes do conceito de feminismo ter nascido. Em

tempos quando o patriarcado² não encontrava resistências – ou encontrava alguns ínfimos aferros, essas mulheres desafiaram o *status quo* e lançaram-se às estradas e aos mares em suas viagens. Por isso é inevitável a pulsão de compreender nossa problemática de pesquisa sob uma perspectiva feminista, e assim entender os novos fenômenos de mulheres que viajam sozinhas e se conectam através da internet, para aferir maior valor aos seus trabalhos e suas formas de representatividade na sociedade.

Hoje, na contemporaneidade, após os direitos adquiridos do voto e do trabalho (notadamente na esfera Ocidental), a liberdade feminina de locomoção tornou-se aceitável e por isso foi notada por diversos estudiosos de várias frentes acadêmicas. O que não quer dizer, no entanto, que o fenômeno não continue sendo estigmatizado por perspectivas normativas e patriarcais, isso quando as mulheres viajantes não estão no seu lugar de fala³ de autorrepresentação, ou seja, quando não são elas que falam de si e de suas viagens.

Para alguns autores, como exemplo Jordan (2016); McClinchey (2017) e Winet (2015), é preciso encarar o ato de viajar sozinha sob uma perspectiva feminista, visto que essa prática é considerada uma forma das mulheres gozarem da sua liberdade. Segundo Winet (2015), nos registros de escrita de viagens ainda há impregnado um histórico de patriarcado, colonialismo e imperialismo ocidental, ideologias consolidadas desde o Iluminismo, mas presentes desde muito tempo antes.

Para compreender a necessidade desse olhar sensível feminista é urgente desmistificar o conceito de feminismo, que vem sendo distorcido e subvertido desde o seu nascimento. No livro *Feminismo de A a Ser* (2019), a autora Lúcia Vicente descreve, de forma didática, conceitos relativos a esse movimento social, e define essa corrente de pensamento assim: “[...] este movimento social, político, ideológico e filosófico, criado no século XVIII, defende a igualdade entre todas as pessoas – e não, nunca, de modo algum, a supremacia da mulher sobre o homem (VICENTE, 2019, p.24).

O feminismo instituído como movimento social surgiu com os primeiros movimentos sufragistas, quando mulheres se lançaram à luta pelo direito do voto, e esse momento histórico é conhecido como a primeira fase do feminismo, que ocorreu entre 1788 a 1949. É nesse contexto, da cultura ocidental, que as mulheres começam a se perceberem como indivíduos, seres dissociados da estrutura familiar, buscando espaços de existência em outros lugares além do lar, como no trabalho, nas ágoras de discussões do espaço público e na política, assim “envolvem-se em lutas políticas, exigindo alterações legislativas que lhes garantam o direito de voto, melhores condições de trabalho e igualdade salarial, o direito de propriedade e o direito de divórcio”(VICENTE,2019, p.57).

Numa segunda fase do feminismo (1949- 1990), já com algumas vitórias jurídicas e culturais vencidas – ainda que parcialmente e apenas em certos círculos sociais-notadamente o reconhecimento da individualidade de ser mulher e de alguns direitos civis,

² Uma sociedade patriarcal, de acordo com Vicente (2019, p.15) pode ser entendida como uma sociedade com predominância do sexo masculino sobre o sexo feminino, ou seja, é o estado social em que o homem goza de mais poder do que a mulher em vários âmbitos, desde o econômico, político, sexual ao social.

³ O conceito de lugar de fala surgiu com algumas das discussões dentro do movimento feminista, derivando principalmente da ideia de ponto de vista feminista (*feminist standpoint*) desenvolvida por Collins (apud Ribeiro, 2017). No entanto o conceito ganhou maior contorno no debate das pautas do feminismo negro, quando intelectuais negras e feministas reivindicam espaços em centros de debate e o reconhecimento de suas identidades e pontos de vista, em centros acadêmicos, no espaço político, nos meios de comunicação, etc, saindo de uma lógica e de uma perspectiva branca, normativa, heterossexual, eurocêntrica, entre outros estigmas. “Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (RIBEIRO, 2017, p.16).

o movimento social agregou outras questões (não abandonando as antigas necessidades da primeira fase), como a luta pela igualdade entre os sexos, direito ao trabalho digno e liberdade sexual. É nessa fase que se estereotipou todo o movimento, quando as feministas ficaram conhecidas por queimarem sutiãs e outras restrições simbólicas.

Foi nesse contexto social também em que se começou a teorizar o feminismo e o sentido de ser mulher, principalmente a partir da publicação do livro *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, em 1949. No primeiro volume da obra, a autora fala sobre os factos e mitos do sexo feminino e discursa sobre como o feminino é sempre o Outro em relação ao homem. A obra trata da questão da dualidade dos sexos e em como os homens vêm se sobrepondo desde o início da história da humanidade e que só agora as mulheres estão a tomar consciência de suas individualidades e necessidades.

Beauvoir disserta acerca da “guerra dos sexos” e das disparidades masculinas e femininas a partir de várias frentes de conhecimento, iniciando com uma explanação detalhada sobre as particularidades biológicas de cada sexo, o que não justifica a superioridade do homem, partindo para uma análise psicanalítica e uma revisão histórica. A autora, ainda nesse primeiro volume do *Segundo Sexo*, trata dos mitos que rodeiam os seres femininos e metaforiza o enfrentamento do homem com a mulher à tentativa de dominação da Natureza, aludindo a esta a uma representação do feminino.

É possível perceber as sincronicidades femininas relativas à noite, às águas, à morte, às trevas em diversas culturas de várias localidades do mundo, uma reflexão traçada por Beauvoir que é reafirmada nos estudos antropológicos do imaginário de Gilbert Durand (2012), quando a cultura patriarcal manifesta apenas uma forte pulsão imaginária datada de longas eras, pois é a mulher nefasta, amante ou sereia, monstro do mar, ou mesmo a virgem pura intocada que habitam no inconsciente coletivo da humanidade, com uma fonte arquetípica dual e extremista, mas universal, já que essas mesmas imagens femininas são registadas em culturas diversas, do Oriente ao Ocidente.

Retornando às fases do feminismo, após a segunda, veio uma nova etapa em que se pautaram questões como identidades de gênero, diversidade e interseccionalidade⁴, num contexto cultural que importa não só a igualdade de gênero, mas a integração de várias outras pautas como o combate ao racismo, à homofobia, dentre outras. Foi nessa terceira fase (1992-2006) que se alastraram os debates acerca do feminismo negro, do prazer sexual da mulher, as questões de assédio sexual e o direito de dizer não, a inclusão dos homens na causa feminista, e tantas outras problemáticas além das vividas pelas mulheres brancas. A máxima para essa fase, em resumo é: o feminismo é para todos.

Embaixadora dessa ideia, mais recentemente conhecida, é a escritora nigeriana, Chimamanda Ngozi Adichie (2014), que deixou claro a necessidade de ampliar a defesa dos direitos igualitários para mulheres, negras e de outras etnias, no seu livro *Sejamos todos feministas*. A ideia central do livro vai mais afundo, quando a autora defende que os homens também precisam abraçar o movimento, já que uma sociedade patriarcal, misógina e machista também os fere de alguma maneira no âmbito social.

Numa quarta fase do feminismo, além de todas as pautas relacionadas à igualdade de direitos, condições salariais justas, legalização do aborto, diversidade, liberdade sexual, empoderamento feminino etc. surgiram pautas como o direito ao corpo, a sororidade e o feminismo cibernético (VICENTE, 2019). As questões relativas ao corpo notam-se evidentes principalmente nas pautas midiáticas e nas novas formatações de peças publicitárias, onde surgem mulheres com perfis diversos, fenômeno, aliás, adaptado às

⁴ Conceito surgido nas pautas dos movimentos feministas negros da década de 80 e que significa, em linhas gerais, combater não só o sexismo, mas também o racismo, construindo uma agenda de interseção entre essas duas problemáticas.

novas demandas que surgem principalmente nas ágoras digitais: redes sociais, blogs e outras mídias da internet.

Movimentos que pregaram a consciência do corpo feminino e o combate ao assédio sexual foram uma das primeiras pautas feministas a viralizar na internet. O surgimento da hashtag *#MeToo* nas redes sociais criada pela ativista de direitos civis Tarana Burke, em 2006, é considerado para algumas autoras como o início de uma quarta fase do movimento feminista, como defende Vicente (2019). No entanto a *hashtag* só veio tomar grande repercussão anos mais tarde, quando, em 2017, “ a atriz Alyssa Milano o utilizou numa publicação da rede social Twitter, recebendo centenas de comentários com testemunhos de outras mulheres que também tinham sido vítimas de algum tipo de abuso ou violência sexual” (VICENTE, 2019, p. 75).

A internet, em principal as redes sociais, hoje, é espaço necessário para aumentar o alcance das pautas feministas, ampliando a agenda de debate para além de centros acadêmicos e outros espaços restritos de debate, chegando às mãos de diversas internautas. Assim, ideias feministas já conseguem alcançar milhares de usuários da internet, através de perfis de redes sociais, de influenciadoras digitais e outros produtores de conteúdo. Temas como o empoderamento feminino e a questão da sororidade, por exemplo, são dois pontos chave que se destacaram nessa nova fase do feminismo e por isso revelam-se com significativa importância para a nossa discussão.

Nessa breve retrospectiva dos conceitos de feminismo, das fases do movimento e suas implicações nas relações sociais e nas construções e desconstruções das representatividades femininas, podemos perceber que não podemos relegar ao papel coadjuvante a perspectiva feminista inerente às narrativas femininas, visto que as redes que se formam em volta das mulheres que compartilham o interesse comum em viajar se solidificam e fortificam através de suas interações nas redes sociais, sites e blogs, girando, principalmente, em torno de uma figura em comum: uma influenciadora digital, *bloguer* ou produtora de conteúdo, que faz elo entre diversas outras usuárias da internet.

É possível perceber nessas redes de conexões femininas, práticas feministas latentes, nem sempre explícitas em suas formas discursivas, mas inerentes às suas falas e por isso a necessidade de se olhar para a nossa problemática sob uma perspectiva epistemológica feminista.

Considerações finais

Se praticamente tudo do mundo já foi descoberto, o que há mais para se descobrir? E as narrativas de viagens de hoje, o que trazem de novo? A resposta aqui está no exercício simbólico de redescobrir, no movimento místico de redobramento, um aspecto íntimo do regime noturno das imagens do trajeto antropológico do imaginário - desenhado por Durand (2012), em que se valorizam as transmutações dos signos. E nesse movimento de ressignificação é possível reconstruir a máxima de Heráclito: se um homem não passa duas vezes no mesmo rio, muito menos as mulheres que viajam retratam o mesmo rio da mesma forma duas vezes. Há sempre um novo que varia, depende das representações imaginárias e que pode ser representado de diversas formas com as novas tecnologias móveis e plataformas digitais.

Essas ressignificações de lugares já vistos, visitados, lidos e relidos estão presentes também nas novas narrativas expostas no espaço digital. As viajantes de hoje, muito mais do que as de uma era analógica, ressignificam suas falas e são donas de suas próprias narrativas postadas na internet, seja em blogs ou rede sociais. Algumas se destacam, e são elas, muitas das quais fazem da produção de conteúdo de viagens na

internet uma fonte de renda, que usam da criatividade de recursos simbólicos e de ressignificação para mostrarem ao mundo lugares já vistos através de suas lentes. É assim que criam uma identidade, um esforço que tem como consequência o destaque de seus conteúdos produzidos para a vastidão da internet.

São essas narrativas no ambiente digital que estão ajudando a repensar a atuação de sujeitos e seus papéis no âmbito do turismo. Em *Tourism and technology: revisiting the experiences of women traveling alone*, Jordan (2016) trata da evolução da tecnologia e os impactos nas performances dos turistas, principalmente nas redes sociais, as quais expande as conexões sociais além do físico, superando o tempo e o espaço para criar a ilusão (ou em alguns casos a realidade) de 'contato perpétuo' afetando todos os aspectos da experiência turística.

O nicho específico de mulheres viajantes, por exemplo, surgiu no radar de pesquisadores quando estes notaram o fenômeno crescer ao longo dos anos e do aumento mais atuante de mulheres produzindo conteúdos sobre viagens na internet. Como já apontou Jordan (2016), que estuda o fenômeno de mulheres que viajam sozinhas desde os anos 90, existem muitos sites especificamente para aconselhar mulheres viajantes, onde *bloguers* compartilham os detalhes de suas viagens, plataformas digitais que desempenham um papel importante ao fornecer às mulheres as informações de que precisam para ter confiança em suas viagens, entre outros.

Mas, é a oportunidade de viajar sem sair do lugar um dos maiores impactos da tecnologia no turismo, segundo Jordan (2019). Esse fenômeno da acessibilidade e imediatismo da produção da mídia digital, como explica Crouch, Jackson e Thompson (2008 *apud* JORDAN, 2016), permite que o turista se torne central no drama teatral de suas próprias vidas e mais ainda, acrescento que o produtor de conteúdo, os sujeitos atuantes nessas novas mídias digitais tornam-se personagens que despertam atenção em outros sujeitos conectados pelos mesmos interesses.

Essas performances auto mediadas vêm tornando-se foco e ganhando notoriedade não só em plataformas digitais como blogs e redes sociais, mas também tem ganhado destaque em estudos sobre o que se chama de micro celebridades, incluindo no âmbito do turismo, em que cada vez mais é levado em conta a importância da produção de conteúdos por parte de usuários para a promoção de um destino.

Gaenssle & Budzinski (2020) destacam a relevância dos influenciadores digitais – também chamados de micro celebridades e produtores de conteúdo, no âmbito econômico, mesmo que a atividade ainda não esteja totalmente estabelecida como uma profissão. Entretanto as autoras tratam ainda da importância social e cultural da notável influência de micro celebridades, chegando a tornarem-se líderes de opinião com consideráveis influência na opinião pública e no desenvolvimento cultural, e isso inclui a cadeia do turismo, como ressalta Duffy e Kang (2019).

Refinando mais, podemos dizer que no epicentro dessa indústria do turismo há um público feminino atuante e viajante, tanto como consumidor das viagens quanto produtor de conteúdo nas novas plataformas digitais que permitem a auto mediação. *Influencers* digitais ou não, é fato que as viajantes compartilham cada vez mais suas experiências nas redes sociais ou em blogs como mostra os estudos de Gomes e Montenegro (2016), quando avaliaram o perfil de mulheres que visitaram Portugal, apontando que boa parte das mulheres entrevistadas faziam uso de redes sociais para se informar sobre as viagens e ainda trocavam informações com outras viajantes.

É nesse cenário que compreendemos a relevância do impacto das novas Tecnologias de Informação e Comunicação na cadeia do turismo, atingindo nichos específicos e auxiliando usuários a traçarem seus próximos destinos de viagem. E por isso, o contexto dessa nova era digital merece um destaque maior a ser debatido nessa tese,

assim propomos uma reflexão teórica mais aprofundada no próximo tópico.

Referências

- ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. Editora Companhia das Letras, 2014.
- ARTHUR, T. O. #Catchmeinashithole: Black Travel Influencers and the Contestation of Racialized Place Myths. **Howard Journal of Communications**, 1-12, 2020.
- AVELINO, M. R., SILVA, A. S., & LEAL, S. R. DEIXE SEU LIKE! O Engajamento nas Publicações com Digital Influencers no Instagram das DMOs Brasileiras. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, 14(3), 50-67, 2020.
- AZARIAH, D. R. The traveler as author: examining self-presentation and discourse in the (self) published travel blog. **Media, Culture & Society**, 38(6), 934-945, 2016.
- BELL, R., **Women of Classical Mythology**. A biographical dictionary. New York: Oxford University Press, 1991.
- BANYAI, M., & GLOVER, T. D. Evaluating research methods on travel blogs. **Journal of Travel Research**, 51(3), 267-277, 2012.
- BENJAMIN, Lucca Iaquinto. Backpacking in the Internet Age: Contextualizing the Use of Lonely Planet Guidebooks, **Tourism Recreation Research**, 37:2, 145-155, DOI: 10.1080/02508281.2012.11081699, 2012.
- BERGMEISTER, F. M. Shaping Southeast Asia: Tracing tourism imaginaries in guidebooks and travel blogs. **Austrian Journal of South-East Asian Studies**, 8(2), 203-208, 2015.
- CANTRELL, K. Wandering with Wi-Fi: the wandering trend in women's travel blogs. **Journal of Writing and Writing Courses**, (Special Issue 56), 1-15, 2019.
- CARVALHO, G., BAPTISTA, M. M., & COSTA, C. Mulheres que viajam sozinhas: reflexões sobre gênero e experiências turísticas. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, (23), 59-67, 2015.
- De BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: os factos e os mitos**. Quetzal Editores, 2015.
- DUFFY, A. If I say you're authentic, then you're authentic: Power and privilege revealed in travel blogs. **Tourist Studies**, 19(4), 569-584, 2019.
- DUFFY, A., & KANG, H. Y. P. Follow me, I'm famous: travel bloggers' self-mediated performances of everyday exoticism. **Media, Culture & Society**, 42(2), 172-190, 2020.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. 4 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- ELSNER, J., & RUBIÉS, J. P. **Voyages and visions: towards a cultural history of travel**. Reaktion Books, 1999.
- FALCONER, E. 'Skanky stories': Breaking boundaries of sexual taboo in women's travel narratives. *Gender, Place & Culture*, 1-21, 2019.
- GASTAL, S. **Turismo, imagens e imaginário**. (Coleção ABC do Turismo). São Paulo: Aleph, 2005.
- GARCÍA, C. C. Rainhas piratas e outras senhoras do mar. In *Más igualdad, redes para la igualdad: Congreso Internacional de la Asociación Universitaria de Estudios de las Mujeres (AUDEM)*, p 301-310. Alciber, 2012.
- GARCIA, F. S. Escritoras em trânsito: relações entre o pensar, o escrever, o viajar e a constituição da subjetividade feminina. *Circulação, tramas & sentidos na literatura. Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada*. 30 jul a 03 Ago, 2018.
- GAENSSLE, S., & BUDZINSKI, O. Stars in social media: new light through old windows? **Journal of Media Business Studies**, 1-27, 2020.

- GHISLENI, T. S., & CARDOSO, D. S. Blogueiras: presença digital além dos blogs. *Comunicologia - Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília*, 10(2), 218-240, 2017.
- GOMES, J., & MONTENEGRO, M. Profile of female tourists visiting Porto and North of Portugal. *Worldwide Hospitality and Tourism Themes*, 2016.
- GRAVARI-BARBAS, M., & GRABURN, N. Imaginarios turísticos. *Via. Tourism Review*, 2012.
- JENKINS, H. **Cultura da convergência**. Editora Aleph, 2015.
- JORDAN, F. Tourism and technology: revisiting the experiences of women travelling alone. In **Prosiding International conference on Information Technology and Business (ICITB)** (pp. 1-9), 2016.
- LAW, R., & CHEUNG, S. The perceived destination image of Hong Kong as revealed in the travel blogs of mainland Chinese tourists. *International Journal of Hospitality & Tourism Administration*, 11(4), 303-327, 2010.
- LEE, C. L., HSIAO, K. L., & LU, H. P. Gender differences in antecedents and consequences of trust in an enterprise's travel blogs. *Social Behavior and Personality: an international journal*, 43(2), 269-286, 2015.
- LIFCHITZ Moreira Leite, M. Mulheres viajantes no século XIX. *Cadernos Pagu*, (15), 129-143, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635570>
- LEMOES, M. G. **Ciberfeminismo: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas**. Dissertação defendida na PUC-SP, 2009.
- MCCLINCHEY, K. A. Paris, Je T'aime:(Post) Feminist Identities, Emotional Geographies and Women's Travel Narratives of Paris. **Travel and Tourism Research Association: Advancing Tourism Research Globally, 2017 ttra International Conference**. University of Massachusetts Amherst, 2017.
- NASSANI, A. A., ALDAKHIL, A. M., ABRO, M. M. Q., ISLAM, T., & ZAMAN, K. The impact of tourism and finance on women empowerment. *Journal of Policy Modeling*, 41(2), 234-254, 2019.
- ONU. **Objetivos de desenvolvimento sustentável**, 2015. Disponível em: <https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>
- PAVEAU, MA. **Feminismos 2.0. Usos tecnodiscursivos da geração conectada. Argumentação e análise do discurso**, (18), 2017.
- PEREIRA, A., & Silva, C. Women solo travellers: motivations and experiences. *Millenium*, (6), 99-106, 2018.
- PRITCHARD, A., & Morgan, N. J. Constructing tourism landscapes-gender, sexuality and space. *Tourism Geographies*, 2(2), 115-139, 2000.
- RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.
- SALGUEIRO, V. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de história*, 22(44), 289-310, 2002.
- SERRANO, S. **Mulheres viajantes**. 2ª Ed. Editora Tinta da China: Lisboa, 2017.
- TOSONI, S., & TURRINI, V. Controlled disconnections: A practice-centred approach to media activities in women's solo travelling. *Current Perspectives on Communication and Media Research*, 283, 2018.
- VICENTE, L. **Feminismo de A a Ser**. Penguin Random House, Lisboa: 2019.
- WILSON, E., & HARRIS, C. Meaningful travel: Women, independent travel and the search for self and meaning. *Tourism*, 54(2), pp.161-172, 2006.
- WINET, K. K. **Toward a Feminist Travel Perspective: Re-thinking Tourism, Digital Media, and the "Gaze"**. Dissertação defendida na Universidade do Arizona. 2015.

ZHANG, Yang e HITCHCOCK, Michael John, The Chinese female tourist gaze: a netnography of young women's blogs on Macao, **Current Issues in Tourism**, 20:3, 315-330, DOI: 10.1080/13683500.2014.904845, 2015.